

Estado, Currículo e Democracia: entrevista com Antonio Chizzotti

Antonio Chizzottiⁱ

Alípio Casaliⁱⁱ

Márcia Uchôaⁱⁱⁱ

Resumo

A entrevista com Antonio Chizzotti, professor decano do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo (CED) e editor-chefe da Revista e-Curriculum, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é parte das comemorações alusivas aos 50 anos do programa e 20 anos de criação deste periódico científico. Seus estudos sobre o reconhecimento do Estado como organizador da vida social, a partir da educação e do currículo, constituem-se em referências para a educação e as políticas de currículo. É defensor de uma escola republicana, constituída por um currículo que articule a formação integral, cidadã e para o trabalho, em consonância com o projeto de nação formulado pela Constituição de 1988. Seus livros, artigos e pesquisas versam sobre as temáticas: epistemologia da educação, políticas públicas de educação e currículo e pesquisas em ciências humanas.

Palavras-chave: currículo; políticas de currículo; formação cidadã.

State, Curriculum, and Democracy: an interview with Antonio Chizzotti

Abstract

The interview with Antonio Chizzotti, senior professor of the Postgraduate Program in Education: Curriculum (CED) and editor-in-chief of the e-Curriculum Journal at the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), is part of the celebrations commemorating the 50th anniversary of the program and the 20th anniversary of the creation of this scientific journal. His studies on the recognition of the State as an organizer of social life, based on education and curriculum, constitute references for education and curriculum policies. He is a defender of a republican school, constituted by a curriculum that articulates integral, civic and work-oriented education, in accordance with the national project formulated by the 1988 Constitution. His books, articles and research deal with the themes: epistemology of education, public education and curriculum policies, and research in the humanities.

Keywords: curriculum; curriculum policies; civic education.

ⁱ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP e Editor-chefe da Revista e-Curriculum da PUC-SP. *E-mail:* anchizo@uol.com.br - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2752-2330>.

ⁱⁱ Doutor em Educação pela PUC-SP. Docente e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP. Coordenador da Linha de Pesquisa Currículo, Conhecimento e Cultura. *E-mail:* a.casali@uol.com.br - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3883-3051>.

ⁱⁱⁱ Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP. Docente e Pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e em Educação Escolar Profissional (PPGEEProf), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Currículo, Identidades e Diferenças em contextos Amazônicos (Gepcida). *E-mail:* profa.uchoa@gmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0939-5646>.

Estado, Currículo y Democracia: una entrevista con Antonio Chizzotti

Resumen

La entrevista con Antonio Chizzotti, profesor titular del Programa de Posgrado en Educación: Currículo (CED) y editor jefe de la Revista e-Curriculum de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC-SP), se enmarca en las celebraciones por el 50.º aniversario del programa y el 20.º aniversario de la creación de esta revista científica. Sus estudios sobre el reconocimiento del Estado como organizador de la vida social, con base en la educación y el currículo, constituyen referencias para las políticas educativas y curriculares. Es defensor de una escuela republicana, constituida por un currículo que articula una educación integral, cívica y orientada al trabajo, de acuerdo con el proyecto nacional formulado por la Constitución de 1988. Sus libros, artículos e investigaciones abordan los temas de epistemología de la educación, educación pública y políticas curriculares, e investigación en humanidades.

Palabras clave: currículo; políticas curriculares; educación cívica.

1 INTRODUÇÃO

A presente entrevista é decorrente da comemoração alusiva ao cinquentenário do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo (CED), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (2025), que tem o professor Antonio Chizzotti como membro decano, integrando o corpo docente desde a sua criação. Também resulta da comemoração aos 20 anos de criação da Revista e-Curriculum, periódico científico do CED, da qual o professor Chizzotti foi o idealizador e atualmente segue como editor-chefe.

O Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da PUC-SP, foi criado como Mestrado em 1975, credenciado em 1982, e implantou seu Doutorado em 1990. Foi um dos programas pioneiros da Pós-Graduação em Educação no País. O Programa iniciou suas atividades sob o nome: “Programa de Pós-Graduação em Educação (Supervisão e Currículo)”. A partir de 1997, em decorrência de uma ampla reforma curricular, passou a intitular-se “Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo” (CED, 2025).

Nesses 50 anos de história, o Programa conta com mais de 1.700 Dissertações e Teses concluídas e defendidas. Também cabe destacar que, ao longo dessa história, nomes consagrados da educação brasileira atuaram como docentes do Programa, com destaque para Paulo Freire, além de Joel Martins, Antônio Joaquim Severino, Moacir Gadotti e vários outros. Como descrito na apresentação do site do Programa

(CED, 2025), trata-se de uma história de forte compromisso com as questões e temas de importância estratégica para a educação brasileira do ponto de vista do Currículo.

Antonio Chizzotti é um dos criadores deste Programa. Possui graduação em Educação, em Filosofia e em Ciências Jurídicas e Sociais, mestrado em Filosofia da Educação e doutorado em Educação, ambos pela PUC-SP e realizou estágio pós-doutoral no *Institut National de Recherche Pédagogique – INRP de Paris*. Foi professor Titular na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e atualmente é professor Associado do Departamento de Fundamentos, Políticas e Gestão da Educação, da Faculdade de Educação da PUC-SP, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da PUC-SP, onde desenvolve pesquisas na Linha de Pesquisa *Políticas Públicas e Reformas Educacionais e Curriculares*. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia da educação, políticas públicas de educação e currículo, e pesquisas em ciências humanas.

A entrevista com Antonio Chizzotti foi realizada pelos entrevistadores: Alípio Casali (PUC-SP), de forma presencial, e Márcia Uchôa (UNIR), remotamente, a partir de Porto Velho, Rondônia, no dia 15 de novembro de 2025, das 10h às 12h, na residência do Prof. Antonio Chizzotti, no Bairro Perdizes, São Paulo.

Os estudos desenvolvidos e as experiências e vivências do professor Antonio Chizzotti, expressas nos relatos desta entrevista, corroboram sua contribuição para a construção de uma educação republicana, inspirada em princípios democráticos, sob responsabilidades específicas do Estado, e materializada no currículo, considerado como estruturador da sociedade, que visa transformar indivíduos em pessoas trabalhadoras cidadãs para realização plena de suas potencialidades históricas.

2 ENTREVISTA COM ANTONIO CHIZZOTTI

Entrevistadores:

Como e quando você chegou à PUC-SP e a este Programa? Quais foram as circunstâncias históricas e pessoais?

Antonio Chizzotti:

Cheguei à PUC-SP como professor em 1972, no Departamento de Teologia, para dar aulas na disciplina de “Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo” – uma das disciplinas obrigatórias do então Ciclo Básico de Ciências

Humanas e Educação. Quem abriu esse caminho para mim foi o colega Marcos Masetto, que era o Coordenador da disciplina.

Eu estava trabalhando em minha tese de doutorado quando fui dar aulas também no então denominado Programa de Filosofia da Educação, na PUC-SP. Naquele Programa, estavam Dermeval Saviani, Antônio Joaquim Severino, Geraldo Tonaco e Newton Aquiles von Zuben – esses três últimos formados na *Université Catholique de Louvain*, Bélgica. Quando uma parte desse grupo se deslocou para ajudar a fundar o Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, eu fui chamado para compor a equipe daquele Programa de Filosofia da Educação e comecei a lecionar e orientar ali também.

Naquele período, não havia ainda uma Pós-Graduação estruturada e instituída no Brasil. O Prof. Joel Martins, da PUC-SP, formado nos Estados Unidos da América (EUA), tinha muita ascendência junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (Capes) e ajudou a conceber o sistema de PG em âmbito nacional. Na PUC-SP, ele desempenhou um papel importante na implantação da Reforma Universitária [Lei 5.540/68] (Brasil, 1968), que criou, numa ponta, o Ciclo Básico, e na outra, a Pós-Graduação.

Entrevistadores:

E este Programa, como começou? Nos primeiros anos, denominou-se Supervisão e Currículo, não é? Por que esse nome?

Antonio Chizzotti:

Na ocasião, havia o problema estratégico de se fazer a gestão do sistema educacional, depois da Lei 5.540/68 que fez a Reforma Universitária e da Lei 5.692/71 (Brasil, 1971), que instituiu o então Ensino de Primeiro e Segundo Grau. O tema da Supervisão Escolar emergiu como muito importante. Dentro desse espírito, pensou-se em criar um Programa de Pós-Graduação para formar professores para esse novo ordenamento da educação básica. Particularmente no estado de São Paulo, havia uma demanda de reforma para um novo sistema de ensino, um novo currículo. Ora, um novo currículo requer supervisão. Daí nasceu a ideia de um Programa de Pós-Graduação em Educação: Supervisão e Currículo.

O Prof. Joel Martins chamou professores que ele considerou qualificados para esse projeto. Entre eles, estavam Ana Saul, Mirtes Alonso, Arlete D'Antola e eu. Tinha

também uma outra professora que era do Rio, lecionava no Rio. E também Lady Lina Traldi. E o Programa teve início em 1975.

Com o tempo, essa noção de Supervisão foi se desgastando, enquanto o Currículo foi assumindo uma relevância cada vez maior.

Entrevistadores:

Quais tipos de atividades você desenvolveu neste Programa? Quantas Dissertações e Teses orientou e defendeu?

Antonio Chizzotti:

Eu lecionava disciplinas e orientava dissertações – enquanto o Programa tinha apenas Mestrado. Em 1990, começou o Doutorado. Eu não sei quantas dissertações e teses orientei e conduzi à defesa... não tenho esse registro. Eu ainda segui no Programa de Filosofia da Educação. Mas depois chegou a Miriam Jorge Warde, que imprimiu um novo rumo ao Programa de Filosofia da Educação, redefinindo aquela área de concentração, deixando o conceito de “Filosofia da Educação” e implantando a área de “História, Política e Sociedade” – que continua até hoje.

Entrevistadores:

Você foi Coordenador do Programa de Supervisão e Currículo em que períodos?

Antonio Chizzotti:

Não me lembro de cabeça em quais anos fui Coordenador do Programa. Foi em mais de uma ocasião, mas não me lembro quando. Mas, em 1990, eu era Coordenador, implantei o doutorado e foi naquele período que eu trouxe você [Alípio Casali] para o Programa.

Alípio Casali:

Sim, me lembro bem como foi. E eu sei que havia resistências dentro do Programa quanto à minha entrada... eu havia sido Vice-Reitor Administrativo da PUC-SP nos anos anteriores, no mesmo período em que você foi Vice-Reitor Comunitário, na gestão do Reitor Luiz Eduardo Wanderley (1984-1988), e fui alvo de adversidades institucionais e inimizades de muitos colegas. Por isso, inclusive, eu fiquei um semestre apenas como seu assistente [do Antonio Chizzotti], na sua disciplina, para me acomodar melhor. Aprendi muito ao seu lado, na docência.

Entrevistadores:

Em quais circunstâncias você fundou a Revista Eletrônica e-Curriculum? De onde veio essa ideia? Como foi a criação? Quais as principais dificuldades?

Antonio Chizzotti:

No começo dos anos 2000, a produção do Programa, e de outros, na área do Currículo, era grande, e havia necessidade de difundir mais essa produção. Na área internacional, em língua francesa, havia essa prática de se prover publicação de pesquisas em revistas. Eu tinha uma orientanda chamada Núria Pons¹. Ela acompanhava as questões das novas tecnologias e trouxe essa ideia de criar uma Revista eletrônica no Programa. Nessa altura, desde a reforma de 1997, o Programa de Supervisão e Currículo havia redefinido sua área de concentração e alterado seu nome para Educação: Currículo, como é até hoje. As Revistas acadêmicas até então eram impressas. Mas isso custava muito, era trabalhoso, tinha que distribuir, a tiragem era pequena, de cerca de 500 exemplares, mas tinha que ter um espaço para guarda do acervo, era caro e trabalhoso. As universidades federais tinham dinheiro para isso. Nós não tínhamos. Então, a Núria insistiu nessa ideia da revista eletrônica. E assim fizemos, e foi pioneiro. Tivemos também que resolver a dificuldade de encontrar revisores e avaliadores apropriados. Não havia gente habilitada para essa tarefa de revisão e avaliação de artigos. Não tínhamos apoio, nem estrutura institucional para a Revista. Foi difícil.

Depois da nossa experiência, outras universidades foram percebendo que aquela era uma boa solução para publicações. A internet também ajudava na difusão. No começo, foi tudo muito improvisado, mas deu certo. Depois abandonamos a nomenclatura “eletrônica”, ficamos apenas com o nome de Revista e-Curriculum. O eletrônico, melhor dizendo, o digital, já estava ali naquele e- do e-Curriculum. A Revista logo ganhou reconhecimento e prestígio nacional.

Anos após, a PUC-SP se deu conta dessa inovação, reconheceu a importância das revistas digitais e até criou uma plataforma de apoio institucional para todas as revistas.

Núria Pons teve um papel muito importante, portanto. Ela era de Ibitinga, era professora da rede estadual e veio fazer o doutorado. Depois, foi fazer o caminho dela, agora ela trabalha na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Depois da Núria, felizmente encontramos uma gestora muito perspicaz para a Revista, uma certa

Professora [risos] cujo nome não vou falar porque ela está presente... [Márcia Uchôa]. A gestão de uma Revista como a nossa é muito trabalhosa. Esse é um papel muito importante que você, Márcia Uchôa, faz.

Márcia Uchôa:

Eu me lembro bem, guardo uma memória muito afetiva de como isso aconteceu. Meu primeiro dia de aula no Programa foi em 05 de agosto de 2015 e, já no mês seguinte, em setembro de 2015, nos corredores da Pós-Graduação, o Professor Chizzotti me chamou e disse assim, de modo direto: "Eu quero você na Revista e-Curriculum". Foi assim, desse jeito! Naquele dia, eu voltei para casa e comentei com meu irmão Marcélio o quanto eu me senti honrada com aquele convite.

Entrevistadores:

O que o levou a definir-se pela Linha de Pesquisa de Políticas Públicas?

Antonio Chizzotti:

O tema das Políticas Públicas e das Reformas Educacionais e Curriculares foi, desde o início, o nucleador do Programa. Isso tem a ver com a minha trajetória e com a trajetória das políticas públicas.

Logo depois do período em que estive como Vice-Reitor Comunitário da PUC-SP (1984-1988), eu fui fazer um Pós-doutorado na França, no *Institut National de Recherche Pédagogique – INRP*, em Paris. Eu estava bem ocupado com a questão das políticas públicas. Fiz meu pós-doutorado em três etapas, em três viagens, entre 1989 e 1992. A França enfrentava uma questão difícil na política pública de integração dos imigrantes. O sistema escolar francês precisava incluir e adaptar todas as crianças. Isso foi uma questão importante: como o Estado pode organizar a educação para todas as pessoas? Mais à frente, o tema se ampliou ainda mais, em toda a União Europeia, com o projeto de se criar um sistema de educação que pudesse abrigar todos e organizar a sociedade. A questão do sistema público de educação era central. Nesse contexto, destacava-se a importância do Currículo. Esse se tornou o grande projeto. Eu o chamo de a grande descoberta do século, pois ele é o responsável pela reconstrução da sociedade. O Currículo constrói cada vida humana. Dentro da escola, com igualdade, com todos os atributos fundamentais. É um grande trabalho social.

Ser um bom professor, preparar, cuidar, é uma grande tarefa política e social. Eu tenho escrito sobre isso. Essa obrigação não é privada, não é de alguém, de uma associação, é do Estado, que é o grande organizador da sociedade.

Aquele projeto teve fruto porque a União Europeia se apoiou nessa ideia e transformou praticamente todo o sistema da Europa, e inspirou também a Ásia – a China, a Índia. Então, eu acho que essa grande descoberta do século teve efeito duradouro em todos os segmentos da sociedade, resultando na criação de um sistema de educação sob a responsabilidade do Estado, envolvendo todos os cidadãos. Isso é uma grande conquista. Se, no século antecedente, a grande questão era a igualdade, era todo mundo ter a escola, superar a segregação das mulheres fora da escola, crianças pobres fora da escola, agora tudo isso estava sendo superado.

Isso tudo coincide, não por acaso, com a criação do Doutorado no nosso Programa, a partir de 1990. Naquele período, o Programa estava organizado em Núcleos de Pesquisa.

Entrevistadores:

Havia uma disputa estratégica dentro da Capes sobre a função da Pós-Graduação em Educação: se deveria se organizar para formar educadores ou para realizar pesquisas, e essas duas funções estiveram conflitantes, não é?

Antonio Chizzotti:

Sim. Com o tempo, essas duas forças convergiram no projeto de “formar por meio da pesquisa”. No nosso caso, isso se fazia já com o doutorado. Fazer uma pesquisa de mestrado e de doutorado bem estruturada, sob orientação, aquilo era formar pesquisadores educadores. No sistema de avaliação da pós-graduação, hoje, a produção de pesquisas, com publicação – inclusive dos discentes –, tornou-se um indicador muito forte.

Entrevistadores:

Numa percepção mais ampliada sobre essa definição da Linha de Pesquisa de Políticas Públicas, parece então que ela nasce com a sua atuação, exatamente nesse contexto, não é?

Antonio Chizzotti:

Sim, eu estava bastante ocupado com essa questão. A questão do Estado como grande organizador, como o centro da razão e do mundo. Isso era desde o historicismo no século XIX: a ideia de que o Estado é que move a história. E é nessa intersecção entre o passado e o presente da história que o Estado vai se transformando. Era o grande Estado Alemão como produto da Razão. Então, dentro

disso, vem a crítica de Karl Marx (1996, 2006, 2008), para dizer que não, não é a razão que está construindo o mundo. Quem está construindo o mundo são os operários, há sempre uma pessoa que está trabalhando. Trabalho, trabalho. Então, Marx muda, sai da razão e põe foco no trabalho.

A estrutura social faz você pensar invertido. A superestrutura é resultado do que se faz embaixo, na infraestrutura. O camponês, no período do castelo medieval, não precisava da escola, não precisava de nada. Ele precisava apenas produzir, porque tudo era do dono, o senhor feudal. E o servo camponês, sua mulher, os filhos, é tudo do dono. Nesse modo de produção, o senhor é tudo. Então, a noção que Marx vai trazer é a da estrutura social que determina como você pensa. Se é escravidão, é o senhor, é o senhor quem determina e acabou.

No sistema capitalista, o senhor é o Capital, não o trabalho. Mas, o que produz a Educação é o trabalho, não são as ideias. É porque você produz assim que você pensa assim. A infraestrutura determina a superestrutura. Quer dizer, o modo como você pensa decorre do modo como você está produzindo. No sistema capitalista, quem é o produtor é o trabalhador, ele é quem produz a riqueza. Quem fica com a riqueza, quem se apropria dela, é o Capital. Então, a história que Marx procura demonstrar é que a infraestrutura determina o modo da superestrutura, o modo de você pensar as leis, as normas. Então, trata-se de uma crítica violenta ao Estado burguês.

Temos que ter presente essa grande questão. E eu tenho essa questão dentro do nosso Programa. Porque podemos ter a ilusão de que a tecnologia é que está produzindo a mudança no mundo. Quem está mudando o mundo são os homens e as mulheres. Estão fazendo isso, usando novos instrumentos. E usam uma nova retórica para dizer isso. Com inteligência artificial e tudo mais. Então, eu tenho uma preocupação de nós não repetirmos esse equívoco dentro do Programa. Sobretudo agora, na versão da chamada inteligência artificial, do desenvolvimento das tecnologias específicas. As tecnologias digitais têm a pretensão de substituir, sim, o trabalho humano. Exatamente aí está o perigo: ao anular o trabalho humano, elas se apresentam como produtoras e isso é o fetiche. No fundo de tudo, o problema das tecnologias é o do fetiche.

Eu acho que o Programa tem suficiente consciência dessa questão, mas a todo momento está no risco de cair nessa armadilha do fetiche. Eu vi o relatório da Inteligência Artificial na França (França, 2024). Está mudando o quê? Cada um está

fazendo uma coisa e acha que isso é mudança. A China faz isso, a Suíça faz aquilo, a França faz aquilo. Cada um inventa uma coisa e acha que está mudando a educação. Não. Quem está mudando a educação são os países que estão usando novos meios para poder produzir novos conhecimentos. Não podemos perder de vista que o sujeito das mudanças são homens e mulheres. E mesmo na história da ciência, às vezes é isso. É o mesmo que acontece na história da ciência. O homem criou o machado, e aí se pensa que o machado transformou o mundo. Não. Quem transformou o mundo foram os homens que criaram e usaram o machado.

Nós, todos os professores, temos um grande trabalho social a fazer. Não estamos na selva. Estamos na Escola. Na escola, estão todas as contradições das coisas. É um trabalho ético, o de transformar todos os indivíduos em operosos e felizes. É o Currículo como lugar de vida.

Márcia Uchôa:

Essa sua fala, professor Chizzotti, está muito convergente com um texto que o senhor publicou em 2020 (Chizzotti, 2020), que fala das finalidades dos sistemas de ensino, que faz uma análise do artigo 205 da Constituição Federal, não é? Esse artigo não é muito bem compreendido em muitas políticas públicas, porque parece que essas três finalidades – o pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho (Brasil, 1988) – seriam desarticuladas. O Professor Chizzotti coloca como essas questões são intrínsecas, não é? É essa ideia de uma formação plena. Nos últimos tempos, de cunho mais neoliberal, foca-se nessa terceira dimensão da qualificação para o trabalho sem articulação com as duas primeiras.

Antonio Chizzotti:

Perfeito. É isso mesmo.

Entrevistadores:

Professor Chizzotti, você foi uma pessoa central nos 50 anos de história do Programa e nos 20 anos de história da Revista e-Curriculum. Olhando para o passado, até aqui, e mantendo em vista o futuro, o que você pensa que deixou como legado no Programa? Que balanço você faz?

Antonio Chizzotti:

Eu acho importante, em primeiro lugar, que eu consegui formar um grupo de heroicos professores. Eu fui decisivo para a entrada no Programa de importantes professores, nos quais eu via uma base intelectual vigorosa. O grande esforço meu foi ajudar a compor esse grupo, com as pessoas mais capazes de conduzir o Programa para o futuro. E com a heterogeneidade de concepções e práticas, mantendo sempre um diálogo franco e leal, discutindo os problemas mais graves que fossem do Programa, e vencendo as dificuldades e as adversidades, como equipe. Essa equipe é um grande legado que eu acho ter conseguido.

Em segundo lugar, acho que nós criamos um sentido coletivo, uma sintonia de concepções, que dão um tom ao Currículo. O Currículo é um centro de produção de conhecimento fundamental para a sociedade, para a construção de uma vida coletiva, no meio de todas as contradições em que estamos. No Currículo, estamos no centro da nossa vida política e cultural. É uma batalha cotidiana para elevar o conjunto da população. Trata-se de transformar os indivíduos em personalidades históricas. Por mais difícil e sofrido que seja. Não é inútil o que se sofre. A pesquisa também não é inútil, é criadora do mundo.

Entrevistadores:

Começando a focar agora num balanço crítico dessa história do Programa e da sua contribuição a ele, vale destacar a contribuição que o nosso Programa deu para a consolidação dessa área de concentração: Currículo, em âmbito nacional, não é? Nesses 50 anos, o Programa formou cerca de 1.700 mestres e doutores, de quase todos os estados brasileiros, e 76 mestres e doutores de outros países.

Antonio Chizzotti:

Sim. Vale lembrar que o projeto do Programa em Moçambique², do qual eu participei, foi um capítulo importante nessa história de internacionalidade do Programa! Formamos importantes personalidades intelectuais e políticas naquele país.

Mas estamos apreensivos quanto ao futuro do Programa, em primeiro lugar dentro da PUC-SP. A possibilidade de fusão dos Programas de Educação ainda está presente.

Ao mesmo tempo, eu tenho uma preocupação quanto à minha condição de saúde e minha possibilidade de seguir nesse trabalho junto ao Programa. Não sei o

quanto minhas limitações de saúde pesaram ao Programa, mas eu contei com a compreensão e o apoio de vários colegas quanto a isso. Enquanto eu tiver saúde, eu seguirei no entusiasmo que eu tenho. Eu espero que a PUC-SP não me diga “tchau” logo... Para mim, tem sido ainda muito importante seguir na PUC-SP e no Programa.

Queremos seguir nesse grande empenho moral de ter todas as crianças dentro da escola. Esta é a grande vocação histórica da minha vida. O Currículo é o nosso grande campo de batalha. Não podemos ter medo de assumir isso.

Quanto à Revista, quero registrar minha satisfação de ter formado e estar deixando uma pessoa, profissional tão competente como a Márcia Uchôa. Nossa Programa deve um agradecimento enorme a você, Márcia.

Agradeço muito por ter podido falar com vocês de muitas dessas coisas que estão dentro da minha alma.

Alípio Casali e Márcia Uchôa:

Nós é que agradecemos. Esta entrevista confirma o seu vigor intelectual, sua lucidez intelectual, para seguir dando contribuições teóricas e práticas a essa área do Currículo, neste Programa. Confirma a sua capacidade produtiva e a sua potência, que é uma potência muito inspiradora. A PUC-SP cumpriu um papel tão importante na vida científica, política e cultural brasileira e você deu uma importante contribuição para isso.

Antonio Chizzotti:

Muito obrigado!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [1968]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm. Acesso em: 11 dez. 2025.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [1971]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 11 dez. 2025.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência da República, [1988]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constitucional/constitucional.htm. Acesso em: 08 dez. 2025.

CED. Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. **Mestrado e Doutorado**. Educação: Currículo. [2025]. Disponível em: <https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado/educacao-curriculo>. Acesso em: 11 dez. 2025.

CHIZZOTTI, Antonio. As finalidades dos sistemas de educação brasileiros. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 55, p. 1-19, e-19288, jan./mar. 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/19288/12485>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FRANÇA. **Inteligência Artificial**: nossa visão para a França. Recomendações para uma estratégia francesa. Relatório da Comissão de Inteligência Artificial. 13 mar. 2024. Disponível em: <https://www.info.gouv.fr/actualite/25-recommandations-pour-lia-en-france>. Acesso em: 11 dez. 2025.

INRP. Institut National de Recherche Pédagogique. **Institut national de recherche pédagogique (INRP)**: archives sur le fonctionnement des établissements de recherche antérieurs... 2008. Disponível em:
<https://francearchives.gouv.fr/findingaid/45feed35b97e1c551d7bba84639020c32261eb62>. Acesso em: 11 dez. 2025

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

NOTAS:

¹ Nuria Pons Vilardell Camas é Professora Doutora Associada da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor de Educação, Departamento de Teoria e Prática de Ensino (DTPEN). É Docente-pesquisadora no Mestrado em Educação: Teoria e Prática de Ensino da UFPR. É Docente-pesquisadora no Mestrado e Doutorado em Formação Científica, Educacional e Tecnológica – UTFPR. Possui mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2002) e doutorado em Educação: Currículo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008), sob orientação do Prof. Dr. Antonio Chizzotti. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1204848228722615>.

² Em 1997, o Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo firmou uma parceria com a Universidade Pedagógica de Maputo, Moçambique, mediante financiamento do Banco Mundial. Essa parceria estendeu-se até 2011. Por meio dela, o Programa formou/titulou 15 Doutores em Educação: Currículo e 23 Mestres em Educação: Currículo. Esse grupo de Doutores, em seguida, implantou um Programa de Educação: Currículo [Mestrado e Doutorado] naquela universidade, o qual vem sendo muito bem-sucedido e tem formado pesquisadores de qualidade, os quais vêm cumprindo importantes projetos educacionais, mormente no campo público, naquele país. Participaram desse projeto, pelo Programa CED, os professores Alípio Casali (coordenador do projeto), Antonio Chizzotti, Fernando Almeida, Terezinha Rios e Douglas Santos.

Recebido em: 09/12/2025

Aprovado em: 20/12/2025

Publicado em: 29/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.